
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 11 – Primeira Missa do Padre José Arimathéia

	Página
1 – ORDENAÇÃO EM ROMA E BENÇÃOS DO PAPA	2
2 – A PRIMEIRA MISSA EM POUSO ALTO	2
3 – A PRIMEIRA MISSA NOS PINTOS	12
4 – VISITAS	14
5 – NOMEAÇÃO DA ZÉLIA PAIVA EM POUSO ALTO	15
6 – FALECIMENTO DO SR. PAIVA	18
7 – INAUGURAÇÃO DA PRAÇA JOSÉ CAPISTRANO DE PAIVA	19
8 – FALECIMENTO DE JOAQUIM LÚCIO E TEOFINHO	21

Transcrito dos Diários do Vovô Zotinho / Tigró e livro “Oh Felix Culpa de José Arimathéia Negreiros, por:

José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões , comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 –Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

1 – ORDENAÇÃO EM ROMA E BENÇÃOS DO PAPA

Chegou de Roma uma correspondência que trazia a participação que o Padre Arimathéa havia se ordenado sacerdote barnabita na Igreja de São Pedro em Roma: “Recordando minha ordenação ao sacerdócio e primeira missa, Padre José de Arimathéa Negreiros – Roma, 16 e 17 de junho de 1962. Junto veio um canudo de papel, trazendo a benção do Papa com indulgências para a hora da morte, para meus pais: Sebastião C. de Negreiros e Maria de Jesús N. de Negreiros. E outros para: José C. de Paiva e Maria Isabel Negreiros de Paiva, Geraldo Lima e Maria Auxiliadora N. de Lima, Francisco Silva Pereira e Terezinha N. Pereira, José Ferreira Nogueira e Iolanda Negreiros Nogueira, Maria Negreiros Arruda e seus dois filhos José Joaquim e Albertino, Maria da Glória Negreiros.”

A benção de Maria de Jesús Negreiros, ele mandou em segredo para a Carmita, que tinha escrito para ele que a Zuza ia se casar logo com o Vicente Leite. Era para a Carmita apresentar a benção no dia do casamento, o qual, esse dia, não chegou. Maria, minha esposa, falou com Alaíde e Bebé:

– Ele mandou em segredo para a Carmita, logo estarão todos sabendo!

Carmita ficou sabendo e esbravejou:

–Ah, Maria, nunca tive queixa de você, e agora você me chama de faladeira?

O Sr. Paiva foi um dos primeiros que pegou a benção do Papa e ficou tão contente, que levou-a e sentou-se no banco da praça em frente a sua casa e mostrava-a para todos seus amigos e parentes, com muita alegria e satisfação.

2 – A PRIMEIRA MISSA EM POUSO ALTO (22/07/1962)

2.1 – VERSÃO DO VÔ ZOTINHO:

Junto, veio também de Roma, os convites para a 1ª missa do Padre Arimathéa aqui no Brasil, na sua terra natal. O Padre nasceu nos Pintos dos Negreiros, mas foi criado em Pouso Alto, terra de sua mãe e dos meus avós Negreiros.

Maria, sua mãe, já estava vivendo aqui em Pouso Alto há quatro anos, milagrosamente, esperando seu filho padre. Padre Paulo falou com ela: – Façam os convites que a festa eu farei tudo por minha conta.

Esparramamos os convites por esse sul de Minas, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e outros. Seria no dia 22 de julho a primeira missa do Padre José de Arimathéa Negreiros, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Pouso Alto. Padre Arimathéa veio para São Lourenço na véspera da festa. Passou na casa da Carmita.

No dia 22 o Padre Paulo pediu a todos os paroquianos que tivessem carro, para irem encontrar no Triângulo e queria que o Dico do Banco fosse em São Lourenço buscar o Padre Zé, ou outro qualquer que fosse da UDN. Eu, para harmonizar o pessoal disse: – Quem vai buscar o padre é o Vicente Paiva, porque foi ele que o levou para o Colégio em Caxambu há 15 anos atrás. Vicente foi com a sua Kombi e trouxe o Padre com a família do meu primeiro afilhado: Gabriel Gorgulho, com sua esposa e 10 filhos. E hoje ele é padrinho do Zé.

Vieram muitos automóveis de São Lourenço, engrossando a turma do Triângulo, duas filas, de um lado e de outro na estrada. Quando passou o Padre Zé, todos enfileiraram-se para Pouso Alto. Lá embaixo, na porta da casa do Sr. Paiva, estava eu e Maria sentados esperando-o.

Quando repicou os sinos da Igreja e pipocou a foguetada, a banda do Sr. José Maestro tocou o nosso Capitão Caçula, dos meus 15 anos no Rosário de Dom Viçoso. As duas praças de Pouso Alto, pra lá e pra cá da ponte estavam cheias de gente e o povo cantando com a banda:

“Nós somos da Pátria amada, fiéis soldados, por ela amados. Nas cores da nossa farda, rebrilha a glória, surge a vitória. Em nosso valor se encerra toda a esperança que o povo alcança. A paz, queremos com fervor. A guerra só nos causa dor. Porem, se a Pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos com ardor.”

Chegou o Padre José de Arimathéa, alegre e sorridente. Abraçou o pai e a mãe e cumprimentou com um aceno todo o povo da praça. Sentou-se em uma cadeira, no meio dos seus pais. Começaram os discursos e os retratistas tirando retratos.

Perto do Padre e seus pais estava o Sr. Paiva, José Bartolomeu, Tia Carmita e a tia Glorinha Capistrano Negreiros, tia-avó do padre. A única dos 10 irmãos de meu pai, que ainda é viva, com quase 90 anos.

Fomos então para a Igreja, a qual era grande e encheu, com o povo vindo de todos os lados. Muita gente dos Pintos, parentes e arrendeiros do meu avô Negreiros. O Sr. José Ribeiro Pires, ex-prefeito do PSB me ofereceu seu caminhão. Mandeí no Carmo, passando por São Lourenço, trouxe a Zuza com a Glorinha e umas 40 pessoas arrendeiros e vizinhos. No fim da festa o caminhão levou o povo de volta.

Nós todos estávamos admirados da calma e satisfação da minha esposa doente. Ela a meu lado, comungamos da mão do nosso filho padre. De vez em quando tinha que enxugar as lágrimas. Ela, com ar alegre e serena. Lembrei de um caboclo que disse:

- Não comparando, mas parecia uma santa.

Padre Joaquim Parreira, barnabita, fez um sermão muito bonito. Elogiou bastante o nosso Padre Arimathéa, que ele conheceu desde pequeno no Colégio.

A certa altura ele disse:

- Padre Arimathéa, nascido no bairro dos Pintos, sopé da serra da Mantiqueira, filho de pais católicos exemplares e de muita fé.

O pessoal dos Pintos ficou contente dele ter falado assim.

Saímos da Igreja e fomos para a Casa Paroquial, em frente ao Fórum. Era uma grande casa. Na Igreja o Padre Paulo falou:

- Convidamos todo o povo para jantarmos e festejarmos o Padre José de Arimathéa.

Maria sentou-se na cabeceira, na primeira mesa do jantar. Uma mesa comprida de uma ponta a outra na sala. Muita gente importante sentou-se ao redor da mesa, muitos padres, doutores e parentes. Começamos a comer e a beber. Maria comeu um prato de mingau em pó, trazido pelo Padre Paulo.

Começaram os discursos. O primeiro que falou foi o Dr. Paulo Lúcio Nogueira, Juiz de Direito em Marília, Estado de São Paulo. Era o filho mais velho do Joaquim Lúcio Nogueira, irmão de Maria, minha esposa. Levei a minha velha para casa, para descansar. O pessoal saiu da sala e foi para o Grupo, onde tinha um Chá Dançante. Passaram a noite comendo e dançando.

Padre Zé recebeu muitos presentes. Lembro-me de um que veio de Maringá, Paraná: o paramento completo que ele celebrou sua primeira missa, mandado pelos meus dois genros: Geraldo e Chiquinho. Padre Zé trouxe da Itália também muitas novidades e presentes: uns santinhos redondos com imã para pregar em carros. Ele presenteou quase todos que tinham automóveis. Muita gente achava bonito o santinho no carro e vinham pedir mais para ele.

Além de outros mais ele trouxe para a sua mãe uma bonita caixinha com espelho, dava-se corda e tocava-se uma bonita música: “Arrivederte Roma”. Levaram a dita cuja para o Joaquim Lúcio, meu cunhado mais velho, doente de cama, mas sempre brincalhão. Pegou a caixinha, olhou o espelho e disse:

- O Papa até que é simpático e moço.
- O pessoal achou graça, pois o Papa era ele no espelho.

Chegando a Alaíde com a caixinha na sala, deu corda e pôs para tocar. Maria, sentada no sofá, nesta hora, chorou de comoção e disse:

- Choro de alegria e satisfação por Deus ter me dado força e saúde para abraçar e beijar a mão de meu filho padre.

Nós tínhamos o costume de rezarmos o terço em família com todos. Maria contemplava e o mais moço rezava o primeiro mistério. Maria contemplava o segundo e ia seguindo pela idade a vez de cada um rezar.

Por muitos anos, lá na Chácara, era o menino Arimathéa quem rezava o primeiro mistério. Hoje, eu deitado, Maria chamou o pessoal para rezar o terço. Quando ela contemplou o primeiro mistério o Padre Zé veio, sentou-se na beira da cama e rezou. Nesta hora recordei um mundão de coisas. Quando o João do Barra chegava na porta de casa e chamava:

- “Bamo nadá Zé?”

Depois o Zé foi para o Seminário e o João passava lá em casa e perguntava:

- Sá Maria, cadê o Zé?

E hoje me lembro de Cristo lavando os pés dos apóstolos. Senti tamanha satisfação em ver ali um ministro de Cristo rezando o seu primeiro mistério. Chorei baixinho e pensei: tudo isso devo a Deus e a minha boa esposa. Não digo que a vida era um paraíso. Mas com o amor de minha esposa enxergando Deus na pessoa um do outro, era um jardim de espinhos, mas regado pela minha boa esposa, tinha muitas e bonitas rosa em cima. Deus fere para ele mesmo curar.

Lembro-me uma vez, quando morávamos na Chácara, Maria, quase todos os dias ia à missa. Chegando aqui, subiu com a Bebê para a Igreja. Assistiram a missa e quando vieram passaram pela rua de cima e chegaram um pouco na casa da Donana e do Joaquim Lúcio. O Sr. Paiva esse dia estava bastante nervoso e olhou a Igreja fechada e a Bebê nada de aparecer. Daí a pouco, quando ela chegou, ele esbravejou com ela e disse:

- Você está afundando nas profundezas do Pedro Botelho.

Bebê, com o exemplo da mãe, quieta, sem dar uma palavra, com um arzinho de riso, desapontada, foi no fogão e pôs uma xícara de café para a Maria. Maria, com um nó na garganta, quase não desceu o café. Saiu e foi para casa. O Sr. Paiva falou:

- Ofendi a comadre Maria, não era assim que eu queria falar.

Ele queria bem a ela.

No outro dia Maria chamou a Alaíde e disse:

- Quero um almoçinho melhor hoje, pra nós de casa brindarmos o nosso Padre José.

E mandou convidar o Padre Paulo e o Sr. Paiva. Os dois vieram, mas já tinham almoçado. Chegaram e ficaram em pé perto da taipa do fogão e nós sentamos à mesa almoçando. Bebê disse:

- Papai, a garrafa de champanhe que o Sr. presenteou o Zeca no aniversário dele está aí., nós não abrimos.

E foi lá, trouxe o champanhe e pôs na mesa. Era a dita cuja que há 4 anos atrás o seminarista José Arimathéa trouxe do Paraná para mim. Enxerguei o dedo de Deus nisso, pois a tal champanhe perambulou em muitos banquetes nestes 4 anos e agora o nosso Padre José é quem vai estourá-la.

E todos falaram:

- Vamos ver a felizarda que cairá a rolha.

Deu um estouro bonito, a tampa bateu no forro e foi cair na cabeça da Bebê, encostada na janela, perto da mesa. Encheram-se as taças de cristais que pertenceram ao Barão de Pouso Alto, as quais Alaíde conserva até hoje.

Trançamos os braços com as taças: eu, Maria e Padre José. As três taças tiniram como um sino.

Padre Paulo espantou-se e falou: – Epa!

Maria disse:

- Agradeço a Deus ter me dado a graça de conviver mais um pouco com meu filho padre e minha família.

Ela não bebeu, deu a sua taça cheia para a Bebê, a qual pegou e foi brindar com o seu marido e o Padre Paulo, seu pai espiritual. Retiniram as taças.

2.2 - Versão de José Arimathéia Negreiros, extraída do seu livro autobiográfico “Oh Felix Culpa”(Edições Achiamé-1985):

O GRANDE ENCONTRO

Ao meio dia o ônibus Rio-São Lourenço dobrou a Serra da Mantiqueira. Começou a descida pela estrada serpejante, inicialmente em meio à floresta, até sair no descampado que permitia ao viajante descortinar todo o vale de Itamonte. Ao lado direito a impressionante e desnuda Pedra do Picu e ao longe no horizonte, a Serra de Dom Viçoso, minha terra natal.

Cerca de 1500 dias os meus olhos passaram sem contemplar esses morros recobertos pelo tapete de capim gordura, polvilhado de cupim. A última vez que dobrara esta serra em sentido contrário, com destino à Roma, via Rio, o fizera em trem, no passo de Cruzeiro, levando no coração o aperto da saudade e na mente a imagem de meus pais, abanando as mãos na plataforma da estaçãozinha de Américo Lobo. Levava também a esperança de que a separação não era definitiva. Deixava-os saudosos mas felizes e em pleno vigor físico.

No entanto, a partir de 1960, comecei a receber notícias entrecortadas sobre o estado de saúde de mamãe. No início não liguei muito, mas no dia 7/12/60 recebi uma carta de casa que não deixava dúvida: sua doença era grave. Logo a seguir escrevi-lhe dizendo-lhe que ficara triste mas também consolado:

- É sempre uma alegria quando recebo cartas daí. Mas, dessa vez, fiquei bastante preocupado por causa do estado de saúde da senhora. Realmente, existem problemas que desgostam na vida. Mas, para nós cristãos, estes problemas não devem existir. Não digo isto apenas para consolo, mas esta é a verdade. Tudo o que acontece na nossa vida tem um significado, em tudo está a mão bondosa de Deus. A doença da senhora me entristece sim, mas deve consolar-nos também. Toda a vida da senhora foi dedicada ao serviço de Deus, numa forma perfeita da qual eu e todos nós somos testemunhas. Portanto, temos motivos de sobra para alegrarmo-nos com a vontade de Deus que deseja ainda acrescentar estes méritos grandíssimos do sofrimento ao grande cabedal de merecimentos que a senhora já conquistou.

Falei depois sobre o corpo místico de Cristo e o valor de nossas orações, sobre a união com Cristo na Eucaristia, penhor da vida eterna e portanto de despreocupação quanto ao futuro. Ainda falei sobre a intenção de começar amanhã, festa da Imaculada Conceição, uma novena em seu intento.

No dia seguinte, 8/12/60, acrescentei mais uma folha à carta do dia anterior:

- Hoje comecei a novena a Nossa Senhora pelo restabelecimento da senhora. Creio firmemente que Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora farão esta obra, para eles tão simples. Hoje de tarde, fui à igreja de Santa Maria Maior, a igreja mais importante do mundo dedicada a Nossa Senhora. A função foi celebrada pelo próprio Papa João XXIII. Ele fez um belíssimo sermão, no fim do qual dirigiu uma oração a Nossa Senhora pedindo a proteção dela sobre todos os cristãos, crianças, velhos e doentes. Eu ia repetindo mentalmente as suas súplicas e as aplicava a senhora, não por causa dos meus méritos, mas porque eu rezava junto com o Papa. No final, o Santo Padre aplicou a benção a todos os presentes e a todos os nossos parentes ausentes, principalmente aos doentes. E quando a recebia, pensava na senhora. Saí da igreja com a certeza de que a senhora estivesse passando bem. Hoje, dia da Imaculada Conceição de Maria, é impossível que Ela não escute uma oração feita na sua igreja principal, em companhia do Vigário de Seu Filho na terra...

Às 16:30 horas do dia 22/07/62, na casa da minha tia, em São Lourenço, o sol já não batia mais, encoberto pelo telhado da garagem. Do quarto, preparado então para mim, escutei que chamavam por mim. Saí e dei de encontro com o Vicente. Estava ali, com sua Kombi, para levar-me. Olhando-me, disparou a chorar. Após 12 anos, encontrava-me novamente. No dia 5 de setembro de 1949, ele levava-me para o colégio de Caxambu, na baratinha do Mazinho. Nunca mais nos víamos. Agora, ele estava ali para levar aquele mesmo molequinho que, dentro em pouco, celebrará sua Missa Solene em Pouso Alto.

Saímos de São Lourenço, com o sol morrendo. No Triângulo, havia uma fila de carros, comecei a sentir-me emocionado. Era um cortejo solene demais. Comecei a sentir um frio no estômago e um nó na garganta. Mas nenhuma lágrima. Com o Vicente, fumávamos um cigarro atrás do outro. A estrada era magnífica, com suas inúmeras curvas, seu asfalto bem sinalizado e cercado de árvores. Quantas vezes passara por ali a cavalo ou na garupa de um cargueiro! Ainda não era asfaltada, mas era então o Maximo de estrada para mim: encascalhada, recoberta de areia, curvas inclinadas, rego para a água escorrer. Era a “estrada federal”. Como esse nome é rico de recordações! Representava para mim a janela para um mundo que eu temia. Era, por isso, povoada de monstros. Quantas vezes não puxava o cavalo com a carroça para fora dela, ao sentir o ronco longínquo de algum caminhão! Os carros que passavam me falavam de um mundo diferente e superior que ficava muito distante para a minha inferioridade.

Agora tudo era diferente. Era bela, sim, mas pequena demais. Era uma simples BR desconhecida nos lugares distantes por onde viajara. Mas, por isso mesmo, ela era importante. Foi a minha primeira janela para a conquista do Infinito. E em relação ao Infinito, que eu encontrei, ela se situa a igual distância, como as maiores maravilhas do mundo.

Já estava escurecendo quando fizemos a última curva, antes de se avistar a igreja. Imediatamente ouviram-se os foguetes. Entrei novamente na realidade. Algo importante demais estava para acontecer. Depois de 4 anos e 40 dias, ia encontra-me novamente com minha mãe. Desses, dois anos ela passara entre a vida e a morte. Agora estava ali a alguns metros. Talvez num leito, talvez numa poltrona. A Kombi não conseguiu ir até a porta de casa. A rua e a praça, enfeitadas, estavam repletas. Padre Carlos recebeu-nos e levou-me pelo meio do povo. Todos batiam palmas. Em quase todas as faces corriam lágrimas. Todos tinham o drama daquela mãe que durante dois anos correria o risco de não ver o filho retornar como sacerdote. A minha resistência ao choro estava no fim.

Finalmente consegui visualizar minha mãe. Não estava nem num leito, nem numa poltrona. Estava ali em pé na calçada, na minha frente. Vestia-se de azul escuro. Segurava nas mãos cruzadas o missal e o véu. Estava mais magra. As maçãs do rosto mostravam-se mais salientes no seu sorriso tranqüilo. Esse sorriso tranqüilo, essa face serena que estampa o equilíbrio da presença de Deus, fizeram evaporar as minhas lágrimas prestes a sair. O nosso abraço foi tranqüilo, como se tivesse um denominador comum de eternidade. Enquanto os discursos se repetiam, nós trocávamos sorrisos como se fôssemos sozinhos no mundo.

Subi ao meu quarto para paramentar-me. Tudo à luz de velas, porque a eletricidade falhara nesse dia. O Padre Manoel era o assistente, Padre João o diácono, Padre Francisco o subdiácono, Padre Carlos o mestre de cerimônias e Padre Joaquim faria o sermão. A ida para a igreja foi processional. Na altura do Fórum, ao som triste e nostálgico da banda, novamente voltou-me o nó na garganta.

Quantas vezes subira esta ladeira, pisando nas mesmas pedras, de braço-dado com a mamãe. O meu tamanho então ainda não atingia os seus ombros.

O resto, tudo se passou como nas grandes ocasiões em que a nossa consciência perde completamente a noção do mundo que nos rodeia. A igreja não era mais aquela barroca, com paredes grossas e cheias de estrelas por dentro. Estava toda enfeitada, embora em construção e com andaimes. A missa foi cantada. Superei o meu temor de desafinar. Recordo-me bem, no momento em que dei a comunhão para meus pais, ajoelhados no presbitério, bem próximo ao altar. Olhando-os entendi que, eles mereceram para mim um lugar na História Eterna da Salvação.

Na casa paroquial estava preparado o banquete para os parentes e convidados. Eram muitos. Houve dois turnos. As mesas foram dispostas em forma de "U", ocupando toda a sala. Na base estava eu, com a mamãe à direita e o papai à esquerda. O meu mundo quase não ia além dos dois. Várias pessoas discursaram. No final, eu também falei agradecendo. O falar em público não mais me atemorizava. Mais ou menos às 24 horas terminou o banquete. O frio estava rigoroso. Como em casa havia muita gente, dormi na casa paroquial.

No dia seguinte celebrei missa comum para toda a família às 7 horas. O frio era demais. Tive até que inventar umas rubricas, porque não conseguia ficar com os dedos estendidos por muito tempo. Lá pelas 10 horas, enquanto conversávamos na sala de casa, aos poucos ia mostrando as lembranças de Roma. Uma era especial para a mamãe. Um estojo com a Basílica e a Praça São Pedro na tampa, que, ao ser aberta, fazia ouvir o "arrivederci Roma". A mamãe olhou-o demoradamente. Abri-o devagarinho. Aos primeiros sons, delicados como goteira numa bacia com água, pela primeira vez as emoções das últimas horas conseguiram forçar os seus olhos: duas lágrimas rolaram pela sua face tranqüila.

2.3 - VERSÃO DA TIGRÓ:

DIA 15/02/62:

Arimathéia tem escrito seguidinho e mandou para o papai e mamãe a benção do Papa, indulgência plenária para a hora da morte. Em uma das cartas diz que talvez ele venha aqui antes da ordenação. Já podemos contar os dias, a ordenação está aí. Podemos dizer: que grande graça, como o papai sempre diz, no céu e na terra, louvamos a Deus. Imagina que beleza e que riqueza a mamãe, se Deus quiser, assistir em casa a Santa Missa, celebrada pelo seu filho. Nós vamos preparar as crianças da Escola, que ainda não fizeram a Primeira Comunhão, para fazer no dia em que o Padre José de Arimathéia vier celebrar uma missa aqui na Providência.



Os padrinhos de crisma do Arimathéia, o Gabriel Gorgulho e sua esposa Ana vão dar os paramentos do dia da Primeira Missa. Gabriel já encomendou com as Irmãs Carmelitas do Rio. Ele pediu para elas mandarem o mais lindo que tiver. O padrinho de batismo, José Gorgulho, vai dar o cálice. Obrigado meu Deus, seu filho bem merece pelo o que ele vai representar.

Eu também sou madrinha do Arimathéia. Eu fui o tabuleiro com todo o prazer. Segurei o meu irmãozinho com 8 dias de idade, magrinho, miudinho, para receber o Santo Batismo. Eu tinha 6 anos quando Arimatheia foi batizado. Eu já tinha feito a Primeira Comunhão e já sabia compreender que no batismo recebemos o Divino Espírito Santo em nós.

Com muita fé rezei com os padrinhos o Credo e o Pai Nosso. Arimatheia, como sempre, foi humilde e muito bonzinho. Até hoje me toma a benção e me chama de madrinha. Agora eu é que vou beijar as mãos de meu afilhado padre.

Milagrosamente mamãe está passando muito bem, graças a Deus, pois ela está até falando que vai até o Rio assistir a ordenação do filho. Mas isso também é querer muito, mal como ela esteve, acho que ela receber o filho padre quietinha em casa já é uma grande graça

DIA 22 DE JULHO DE 1962:

No dia 22 de julho de 1962 chegou em Pouso Alto o Padre José de Arimatheia Negreiros, para celebrar a sua primeira missa no Brasil. Foi recebido com um festão organizado pelo reverendíssimo Padre Paulo. Conservamos um retrato muito importante, um quadro na parede de nossa casa, lembrança da chegada do Padre Zé. Foi tirado em um momento de grande emoção, quando o Padre Zé tomou um lugar no meio de seus pais Zotinho e Maria.

Ao lado do papai estava o Sr. Paiva, com 83 anos, o genro predileto da mamãe. Também estava no retrato a tia Glorinha, com 86 anos, irmã do pai do papai, a única que restava dos 10 irmãos de meu avô. Saíram ainda no retrato o irmão do papai, o tio Zé Bartolomeu, Bebê, tia Donana, tia Augusta, três sobrinhas da mamãe, duas netas e na beiradinha, só o meu nariz, por ser muito grande, apareceu sozinho sem cara.

Eu quase não tomei parte da festa. Assim que terminou a missa, papai me disse:

- Vai embora minha filha, que a casa está sozinha com os animais. Chama o pessoal do Carmo. O Pires já deu ordem para o motorista da Prefeitura ir levar vocês. Reunimos em frente a casa do Sr. Paiva e lotamos o caminhão do Pires com todo o pessoal daqui e viemos.

Eu não senti perder o banquete na Casa Paroquial. Senti muito não ter assistido o teatro em homenagem ao neo-sacerdote, representado por 10 netos do papai e da mamãe: 8 filhos da Bebê e 2 da Alaíde.

Foi apresentado no salão de festa do Grupo Escolar Ribeiro da Luz em Pouso Alto. O comentário desse teatro foi longe, a fama da bela representação, o talento dos netos do Zotinho e Maria. A autora desse teatro foi a Zélia, a primeira neta do papai e 1ª filha do Sr. Paiva da terceira remessa. Contaram-me que o Sr. Paiva ficou muito emocionado e com muita razão, porque foi ali, naquele mesmo palco, há 23 anos atrás, na ocasião do drama que a vovó, os filhos e netos representaram. Foi naquele dia que nasceu o amor entre o Sr. Paiva e Bebê.

Papai veio aqui e contou-me:

- Eu chorei de alegria, minha filha. Sr. Paiva gostou de ver seus filhos no palco, eu também gostei de ver meus netos representarem tão lindo teatro. A Zélia é um colosso, graças a Deus. Todo mundo gostou muito do teatro. Sua mãe que nunca chora, chorou .

A garrafa de Champanhe:

Recordar é viver. Vivo de saudades até da própria saudade. No ano de 1957 mamãe foi à Belo Horizonte visitar o Zé e foi também no Rio de Janeiro quando ele estava cursando o Noviciado.

No ano de 1958 o Zé veio passar uns dias em casa para despedir-se da família, para partir e terminar os seus estudos para se tornar um padre em Roma, onde iria passar 4 anos. Foi nessa ocasião que eu, o Zé e a Zuza fomos passear no Paraná, para ele se despedir da Dorinha e Terezinha. Foi um passeio maravilhoso que eu nunca vou esquecer. Quando nos despedimos para irmos embora o Chiquinho deu um litro de champanhe para o Zé dizendo que era para estourar junto com os pais, antes da partida. Papai guardou o champanhe dizendo que iria estourá-la quando o Zé voltasse de Roma.

O Zé embarcou aqui mesmo da Estação rumo ao Rio para viajar de navio, nem sei quantos dias. Após a partida do Zé, chorei doido, partilhando a dor do papai e da mamãe. Não foi fácil para eles a ausência do Zé, o único filho, o caçula. Mas para consolo, o máximo que demorava para chegar uma preciosa carta dele portadora de boas notícias era 15 dias.

No ano de 1959 o Sr. Paiva completou 80 anos. Então o papai deu o champanhe a ele para comemorar os 80 anos do genro e também para comemorar o nascimento de mais uma filha, a Maria José. Mas o Sr. Paiva recebeu muito champanhe dos amigos e do filho Dr. Paiva. Então a Bebê guardou a que papai deu

Agora, em julho de 1962, o champanhe apareceu de novo no almoço de comemoração que a mamãe fez pro Padre Zé. Papai contou-me como foi:

- *Alaíde pôs a mesa para servir um lanche pro pessoal que foi visitar o Padre Zé. Fomos para a mesa, eu, a Maria, o Sr. Paiva, o Padre Zé, o Padre Paulo, os seminaristas Fernando e Pedro Mira, Chiquinho e Terezinha, Bebê, Alaíde e os netos dos Paiva, Arruda, Nogueira. Aí a Bebê trouxe o champanhe, a mesma que o Zé trouxe do Paraná. Eu mandei o Zé estourar e no estouro a rolha levantou mais de metro e caiu na cabeça da Bebê. Alaíde apresentou suas taças de cristal do tempo do Barão e nós brindamos. As taças tiniram como o som dos sinos em momentos de Aleluia.*

Padre Zé ficou algum tempo conosco. Foi celebrar nos Pintos dos Negreiros. Lá a festança também foi muito bacana. Eu fui e gostei muito. Papai foi com o Padre Paulo, que fez um sermão elogiando o Padre, filho daquele lugar tão lindo. Desta vez o banquete foi na casa do tio João, irmão do papai.

Depois o Padre Zé foi cuidar de sua vidinha de padre. Sempre vem visitar a família. Mamãe, graças a Deus, alcançou a chegada do seu filho querido e junto com o papai participou da Santa Missa rezada por ele.

3 – A PRIMEIRA MISSA NOS PINTOS

Nesta hora, chegou dos Pintos o meu primo irmão Miguel Gorgulho, filho do tio João do Morro e tia Imaculada, irmã de meu pai. Tio João era o único tio irmão de minha mãe, já falecidos há muito tempo. Miguel Gorgulho disse:

- *Vim aqui a pedidos do povo dos Pintos. Querem que o Padre Zé vá celebrar a 1ª missa lá também.*

Combinamos que no primeiro domingo o Padre Zé celebraria lá às 10 horas.

Tinha sobrado bastante convites que vieram de Roma, os quais eu mandei em São Lourenço na gráfica e puseram:

- “Primeira Missa celebrada pelo Padre José de Arimathéa Negreiros na Igreja do bairro dos Pintos”.

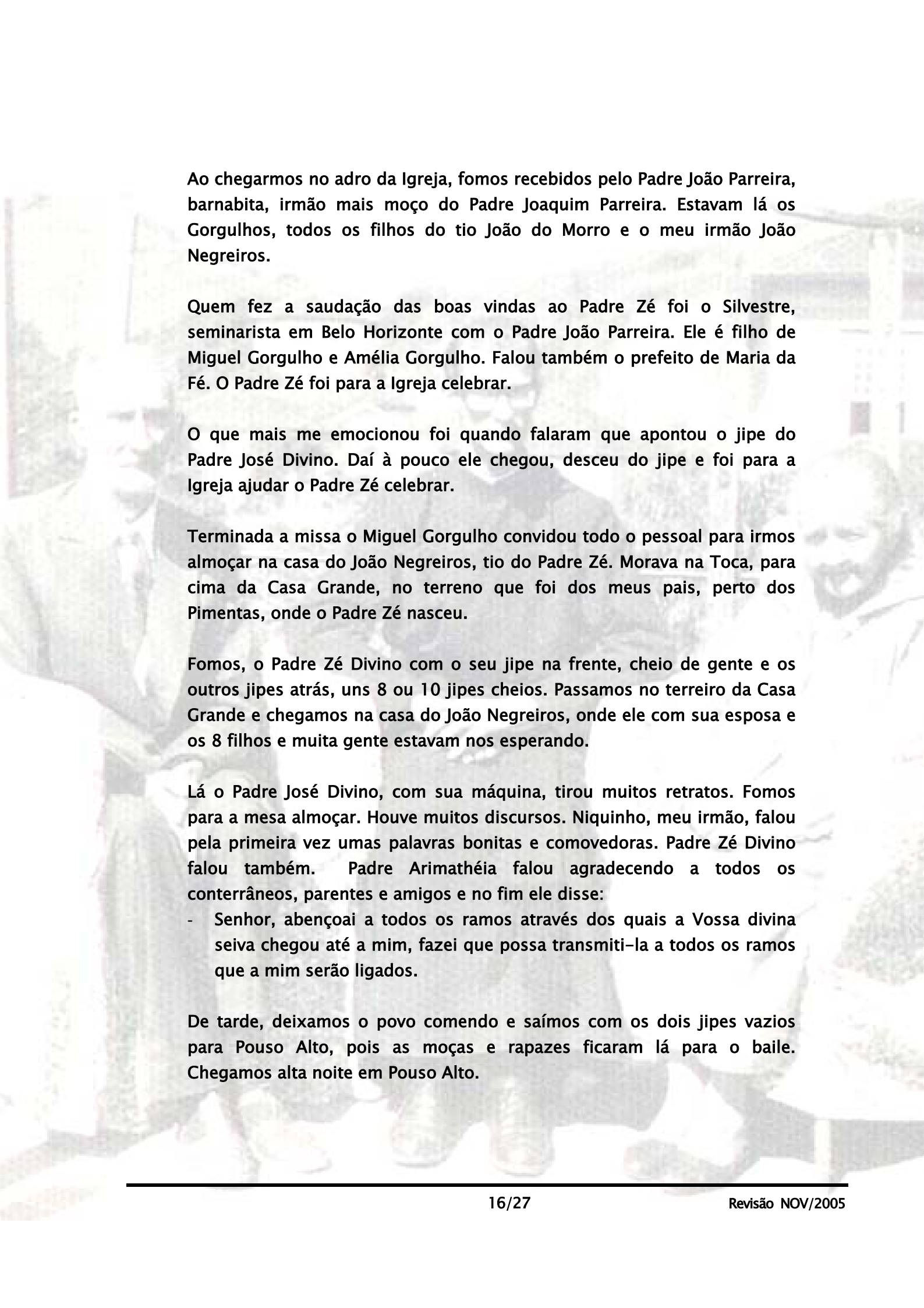
No dia seguinte saímos daqui ao clarear do dia. Padre Zé e os sobrinhos, filhos da Bebé e Alaíde foram no jipe da D^a Julietinha Alexandrino, a qual foi professora dele aqui no Grupo de Pouso Alto. Ofereceu para levá-lo em seu jipe. Eu com a Bebé, Alaíde e as meninas fomos com o Padre Paulo no seu jipe.

Ao passarmos pelo Rosário de Dom Viçoso, passamos na Casa Paroquial à pedido do Padre José Divino, que estava esperando com todo o povo. Ele fez a entrega da chave da Igreja ao Padre José de Arimathéa, onde ele havia sido batizado solenemente, com todos os requisitos. Padre José Divino fez um sermão muito bonito. Elogiou muito a mãe do Padre José de Arimathéa. Dizia ele:

- Quanto a seu pai, ele está ali, eu nada preciso dizer. Os senhores o conhecem tão bem quanto eu.

E terminou pedindo ao povo para virem beijar a mão do novo padre. Ele foi o primeiro que ajoelhou em frente ao Padre José, abaixou para beijar sua mão e debruçou-se no colo do padre. Debruçou-se de fraqueza, pois há mais de um ano que ele estava doente, com câncer no rosto. E sempre trabalhando milagrosamente. Ele gostava muito da Igreja do Rosário e dos seus paroquianos. O povo levou o Padre José Divino para a cama.

Padre Arimathéa levantou-se, pegamos o jipe e subimos a Serra dos Pintos. Logo avistamos a Igreja dos Pintos, lá embaixo na vargem, do lado direito junto aos terrenos do tio João do Morro. João Capistrano Gorgulho foi quem doou dois alqueires de terra, que é o patrimônio da Igreja dos Pintos. Quando apontamos na volta do caminho para baixo da Casa Grande, repicaram os sinos e estouraram a foguetada. O povo todo estava reunido na Igreja. Era quase hora da missa.



Ao chegarmos no adro da Igreja, fomos recebidos pelo Padre João Parreira, barnabita, irmão mais moço do Padre Joaquim Parreira. Estavam lá os Gorgulhos, todos os filhos do tio João do Morro e o meu irmão João Negreiros.

Quem fez a saudação das boas vindas ao Padre Zé foi o Silvestre, seminarista em Belo Horizonte com o Padre João Parreira. Ele é filho de Miguel Gorgulho e Amélia Gorgulho. Falou também o prefeito de Maria da Fé. O Padre Zé foi para a Igreja celebrar.

O que mais me emocionou foi quando falaram que apontou o jipe do Padre José Divino. Daí à pouco ele chegou, desceu do jipe e foi para a Igreja ajudar o Padre Zé celebrar.

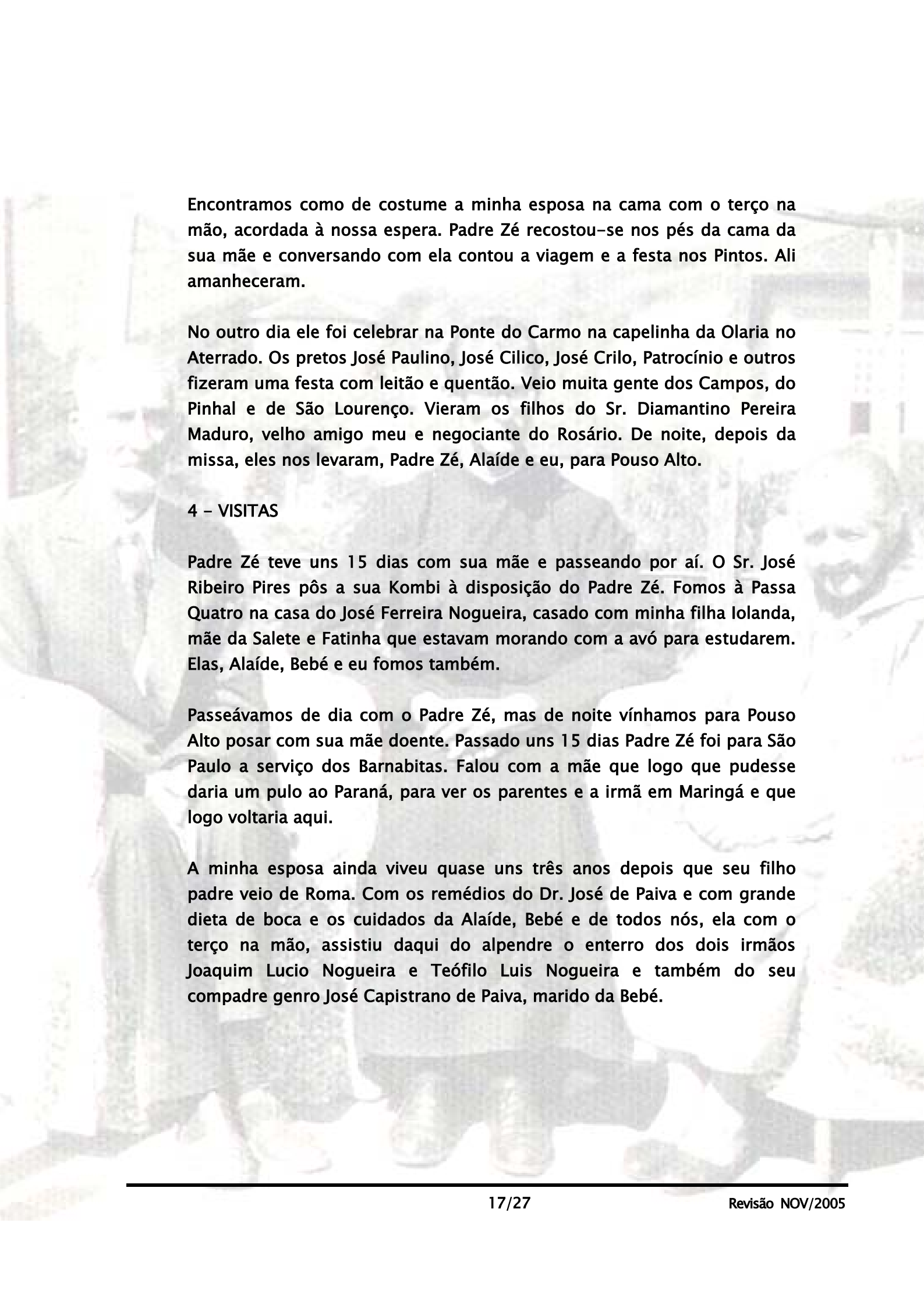
Terminada a missa o Miguel Gorgulho convidou todo o pessoal para irmos almoçar na casa do João Negreiros, tio do Padre Zé. Morava na Toca, para cima da Casa Grande, no terreno que foi dos meus pais, perto dos Pimentas, onde o Padre Zé nasceu.

Fomos, o Padre Zé Divino com o seu jipe na frente, cheio de gente e os outros jipes atrás, uns 8 ou 10 jipes cheios. Passamos no terreiro da Casa Grande e chegamos na casa do João Negreiros, onde ele com sua esposa e os 8 filhos e muita gente estavam nos esperando.

Lá o Padre José Divino, com sua máquina, tirou muitos retratos. Fomos para a mesa almoçar. Houve muitos discursos. Niquinho, meu irmão, falou pela primeira vez umas palavras bonitas e comovedoras. Padre Zé Divino falou também. Padre Arimathéia falou agradecendo a todos os conterrâneos, parentes e amigos e no fim ele disse:

- Senhor, abençoei a todos os ramos através dos quais a Vossa divina seiva chegou até a mim, fazei que possa transmiti-la a todos os ramos que a mim serão ligados.

De tarde, deixamos o povo comendo e saímos com os dois jipes vazios para Pouso Alto, pois as moças e rapazes ficaram lá para o baile. Chegamos alta noite em Pouso Alto.



Encontramos como de costume a minha esposa na cama com o terço na mão, acordada à nossa espera. Padre Zé recostou-se nos pés da cama da sua mãe e conversando com ela contou a viagem e a festa nos Pintos. Ali amanheceram.

No outro dia ele foi celebrar na Ponte do Carmo na capelinha da Olaria no Aterrado. Os pretos José Paulino, José Cilico, José Crilo, Patrocínio e outros fizeram uma festa com leitão e quentão. Veio muita gente dos Campos, do Pinhal e de São Lourenço. Vieram os filhos do Sr. Diamantino Pereira Maduro, velho amigo meu e negociante do Rosário. De noite, depois da missa, eles nos levaram, Padre Zé, Aláide e eu, para Pouso Alto.

4 - VISITAS

Padre Zé teve uns 15 dias com sua mãe e passeando por aí. O Sr. José Ribeiro Pires pôs a sua Kombi à disposição do Padre Zé. Fomos à Passa Quatro na casa do José Ferreira Nogueira, casado com minha filha Iolanda, mãe da Salete e Fatinha que estavam morando com a avó para estudarem. Elas, Aláide, Bebé e eu fomos também.

Passeávamos de dia com o Padre Zé, mas de noite vínhamos para Pouso Alto posar com sua mãe doente. Passado uns 15 dias Padre Zé foi para São Paulo a serviço dos Barnabitas. Falou com a mãe que logo que pudesse daria um pulo ao Paraná, para ver os parentes e a irmã em Maringá e que logo voltaria aqui.

A minha esposa ainda viveu quase uns três anos depois que seu filho padre veio de Roma. Com os remédios do Dr. José de Paiva e com grande dieta de boca e os cuidados da Aláide, Bebé e de todos nós, ela com o terço na mão, assistiu daqui do alpendre o enterro dos dois irmãos Joaquim Lucio Nogueira e Teófilo Luis Nogueira e também do seu compadre genro José Capistrano de Paiva, marido da Bebé.



Bebé, Evaldo, Marilda, Márcia, Zélia, Alaíde, Vovô Zotinho, Padre José Arimathéia, Vovó Maria, Edmar e Zé Nilton.

Como já disse, Padre Paulo trazia comunhão quase todos os dias. Uma vez Alaíde, estando na janela do quarto, viu apontar na rua, Padre Paulo à paisana com um terno novo. Alaíde chamou a mãe e disse:

- Vem ver a pose do Padre Paulo com terno novo!

Ela veio e disse:

- Não acho bonito não.

Passado uns tempos o Padre Zé trouxe a sua sobrinha Maria Isabel, filha da Dorinha e Geraldo Lima, tinha 14 anos. Quando desembarcaram aqui e chegaram os dois. Maria falou com a Alaíde que teve uma má impressão do Padre sem batina com aquela moça bonita.

Como de costume, Padre Zé conversava com ela nos pés da cama, ele cochilava e ela chorou de dó dele. Eu, no outro dia, chegando do Carmo, como de costume, a minha esposa contando o acontecido disse:

- Coitado do Padre Zé, ele tem o seu gênio, gosta de ver todos alegres e contentes.

Padre Zé vinha sempre ver a mãe em Pouso Alto. Mas ele gostava muito do Carmo. Passava a noite com a mãe e no outro dia vinha cedo para o Carmo. Ele fora criado na água. A nossa casa na beira da linha é perto de dois rios, um do Aterrado que nasce na Serra dos Pintos, passando no Rosário, Dom Viçoso, Serrinha, Campos, entrando na fazenda do Aterrado e vem até o Rio Verde, fazendo a divisa dos terrenos do Aterrado e do Caio Arruda. Em frente a casa desce o rio Verde, um grande rio que nasce na Mantiqueira, para lá do túnel, passando em Passa Quatro, Itanhandú, São Sebastião do Rio Verde, Tacape, aqui e depois São Lourenço.

Junto com o Padre Zé vinha o pessoal todo que gostava de água: os filhos da Bebê (4 mulheres e 4 rapazes), os dois da Alaíde e duas da Landinha. Esses 12 era a "Turma do Zé". Passavam o dia nadando e passeando por aqui. À tarde tomavam o mixto e voltavam para a cidade. O Padre ia contar para sua mãe o ocorrido no Carmo. Esta ficava contente ao saber das novidades do pessoal do Carmo, de sua casa que à quase seis anos ela tinha saído e nunca mais voltou.

Padre Zé depois que veio de São Paulo, foi para Belo Horizonte para trabalhar no Instituto Padre Machado, cidade onde tinha muitos parentes: sua tia-avó Maria da Gloria N. Bernardes e seus filhos Antônio casado com Mirtes, Maria do Rosário casada com Serrinha, Manuel, Maria do Carmo, Maria Ismeria e duas tias dele, minhas cunhadas Ritinha e Escolástica, casadas com os dois irmãos Espeschite.

Padre Zé lecionava no Colégio e Seminário e ainda ajudava muito o vigário do Bairro. Depois passou a tomar conta da Paróquia dos Macacos, gente humilde e analfabeta, mas povo bom que acredita em Deus. Padre Zé com caridade e amizade, ia ensinando o povo que gostava dele. Quase todos os meses ele vinha visitar a mãe e os parentes em Pouso Alto, mas voltava logo.



Alaíde, Padre Zé Arimathéia, Tigró, Bebê, Dorinha, Vovó Maria.

5 - NOMEAÇÃO DA ZÉLIA PAIVA EM POUSO ALTO

No fim do ano houve uma reviravolta na política em Pouso Alto. Padre Paulo, chefiando a UDN e com a ajuda dos filhos do Sr. Paiva, que era do PSD e que há mais de 50 anos era o chefe político aqui em Pouso Alto. O prefeito nomeado foi o da UDN. Zé Pires, antes de entregar a prefeitura, foi a Belo Horizonte como prefeito de Pouso Alto e arrumou a Praça Getulio Vargas, mudando o nome para Praça José Capistrano de Paiva. Em 15 dias a transformou e colocou o busto de José Capistrano de Paiva.

A nossa Zélia Paiva continuava sem nomeação, pois a UDN dava preferência para as suas candidatas. Aparecendo aqui em casa o Padre Paulo, com o chefe da UDN, Dr. João Bráulio de Vilena, secretário do governador do Estado, Magalhães Pinto, pedindo votos para Deputado Estadual. Padre Paulo, querendo ficar livre dele, pediu que ele fosse à casa da Alaíde, que é sua parenta, lá perto da ponte, em cima da farmácia. O Sr. Paiva o recebeu muito amável e lhe disse:

- Eu sou do PSDB, mas deixarei que os parentes dêem uns votos para o senhor.

Ele mandou ele subir a escada. Alaíde o recebeu muito alegre e mandou entrar ele e o companheiro. Sentaram na sala, tomaram café, ali conversaram e logo foram saindo.

Maria, lá da cama, escutou a conversa deles e resolveu levantar e veio, como de costume, fraca e cambaleando. Sentou-se no sofá e o Dr. lá da porta voltou, cumprimentou-a e ela disse:

- O Sr. assistiu o meu casamento. É o Sr. Serafim Bráulio de Vilena.

Ele correu na porta, chamou o companheiro que já estava indo, voltou e sentou-se pertinho da Maria e conversaram por muito tempo, relembando o pessoal de sua família. Nessa hora chegou a Zélia.

Maria a apresentou:

- É a minha primeira neta, filha do Sr. Paiva com Isabel. É professora formada no colégio das Irmãs em Barbacena, onde tem a Irmã Antoinette, que é irmã da Zélia por parte de pai. Há quase dois anos que é diplomada e lecionando na roça, esperando vaga aqui no Grupo.

E o Dr. falou com a Zélia:

- Faça o requerimento e manda para mim em BH.

Ela mandou e imediatamente veio sua nomeação no "Minas".

Zélia Negreiros de Paiva, nomeada para o Grupo Escolar de Pouso Alto. Passado uns oito dias veio um ofício para a Diretora que desse posse para a Zélia. No fim do mês veio ordem ao Coletor Estadual que pagasse a professora Zélia de Paiva.

VERSÃO DA TIGRÓ:

A Zélia aqui em casa é uma honra para nós, mas aqui não é o nível para ela trabalhar. Ela merece um lugar mais educado e junto com a mãe e os irmãos menores.

Louvido seja Deus veio a nomeação da Zélia Paiva para o Grupo Escolar Ribeiro da Luz. Não tinha vaga, mas o Dr. João Bráulio de Vilena mandou criar uma cadeira para ela no ano de 1963.

Assim, Zélia pode chamar para si a responsabilidade de desempenhar o lugar do pai, com amor e carinho, e unida com a mãe e os irmãos menores, pode conservar lar hospitaleiro, onde reina a paz, harmonia, alegria, lealdade e pureza no coração dos habitantes da casa Negreiros de Paiva.

Zélia, com a perícia de mãos e olhos iluminados com a Luz da Divina Providência, cortou o mandato dos irmãos mais velhos, mas com machadada que corta a raiz sem ferir e sem sangrar. Enfrentou-os, falou-lhes o que devia falar e mostrou-lhes sua personalidade com delicadeza e educação. Eu chorei de alegria quando papai aqui chegou e contou o êxito da Zélia.

Vi que a mãe e os irmãos menores estavam protegidos com a força necessária para crescerem na vida, conservando e respeitando o nome do pai.

6 – FALECIMENTO DO Sr. PAIVA

No dia 23 de outubro de 1962 o Sr. Paiva passou dessa vida para outra, deixando um vazio, imensa tristeza e saudade para todos os pousoaltenses. Bebé, viúva, com seus 9 filhos, só a Zélia formada e 8 estudando: Fernando, seminarista; Tião e Evaldo no ginásio, Márcia e Marilda no colégio interno em Barbacena, onde a Irmã Antoinette é a diretora; Zé Nilton e Edmar no primário e a Maria José, apenas com 3 anos.

Em tempos atrás eu não considerava o Sr. Paiva, o santo da minha devoção, mas porque eu era muito nova, não conhecia a personalidade dele e nem sabia que o bom exemplo grava muito mais no coração da gente, educa muito melhor uma criança do que um sermão ou pancadas e violência.

O Sr. Paiva era um homem exemplar. Parecia não ser muito católico, mas era, praticava o catolicismo com muito fervor. Ele logo que casou com a Bebé, ralhava com ela porque ela gostava de ir à missa todos os dias.

Um dia a Bebé chegou lá em casa pulando de alegria e falou para o papai e mamãe:

- *Fiz novena para Santa Terezinha e alcancei a graça que pedi. Hoje eu ví o Zeca fazer o sinal da "Santa Cruz, livrai-nos Deus de todo o mal, amém". Louvado seja Deus.*

Um dia eu fui a Pouso Alto visitar a mamãe e ela me disse:

- *Estou com muita pena da Bebé. A viuvez é muito triste, nunca pensei do Sr. Paiva fôsse na minha frente. Cheguei aqui mais morta do que viva. Ele sempre tão atencioso e bondoso para comigo. Ele era um respeito nesta casa.*

7 – INAUGURAÇÃO DA PRAÇA JOSÉ CAPISTRANO DE PAIVA

A UDN ganhou e o PSD, partido do Sr. Paiva e do Sr. José Pires perdeu. O mandato do Pires em Pouso Alto estava terminando, mas mesmo assim, em homenagem ao ilustre Sr. Paiva, inaugurou a Praça José Capistrano de Paiva, arrumando a praça com o busto do Sr. Paiva. Muita honra para seus filhos e ficou uma beleza.

Zé Pires pediu para o Padre Zé rezar missa na Praça José C. Paiva no dia da inauguração do busto do Sr. Paiva. Foi difícil para o Padre Paulo dar licença. O partido da UDN não aprovava esta coisa maravilhosa que só mesmo um prefeito poderoso pode fazer, uma homenagem ao Sr. Paiva. Eles nunca terão o poder de desfazer o feito bem feito do Zé Pires, esta beleza de Praça. E o Padre Zé rezou a missa. Eu assisti aqui da janela do meu quarto. Não teve muita gente, mas não faltou um filho da Bebé.

Trecho do discurso de colocação da Placa em Homenagem ao Sr. Paiva, do Conselho Regional de Farmácia ao Sr. Paiva, em 19/10/1984:

José Capistrano de Paiva, farmacêutico famoso de Pouso Alto, mas era também o médico famoso para ricos e pobres, ninguém saía de sua farmácia sem levar os medicamentos necessários, porque sua bondade era enorme. Muitos remédios eram fabricados por ele mesmo em sua própria farmácia. Pessoas de longe vinham procurar os remédios milagrosos do Sr. Paiva. Era parteiro excelente, quando era chamado, saía de casa com sol ou chuva, a cavalo, de carro de boi, e as vezes até dormia nas roças distantes. Quanto ganhava? Não cobrava nada, ganhava amizade sincera e isso não tem preço. Algumas vezes chegava em sua casa verduras, legumes, abóboras, frangos e até alguma leitoa que o fulano mandou para o Sr. Paiva em agradecimento e que Deus lhe pague e abençoe. Muitas pessoas ilustres de Pouso Alto nasceram em suas mãos.

Além de ser o médico da cidade foi também juiz de paz, foi prefeito de 07/04/46 a 08/10/46. Era um político respeitável, gostava de para tudo pensar e quando decidia, todos obedeciam, porque era justo e bom. Seu nome jamais será esquecido, pois a praça principal da cidade tem o seu nome.

Foi um dos primeiros professores do Ginásio de Pouso Alto. Foi um exemplo de professor que deixou saudades, com 80 e poucos anos, se dispôs a lecionar a título de colaboração... E que colaboração!!! Jamais será esquecido pelos colegas e alunos. Os alunos tinham o maior carinho e profundo respeito, acompanhavam o professor às vezes até a sua casa. Muitas vezes o suor descia-lhe pelas faces, tamanho era seu empenho, nas aulas de matemática, matéria que ele tanto dominava.



Todos os alunos admiravam o "Professor Paiva", entre eles: Marina da Conceição Oliveira, tinha veneração por ele. Quando o "Salão Nobre Professor Paiva" da Escola foi inaugurado, D^a Marina teve a honra de colocar a placa que dá o nome ao mesmo, na mais pura e sincera homenagem ao grande professor.

José Capistrano de Paiva, nasceu no dia 16 de novembro de 1881 e faleceu no dia 23 de outubro de 1962.

8 – Falecimento de Joaquim Lúcio e Teofinho:

No ano de 1964 morreu um irmão da mamãe, tio Joaquim Lúcio, o mais velho dos 10 filhos da vovó Escolástica, mãe da mamãe. Ele casou só depois que todos os irmãos casaram. Vovó ficou viúva com os filhos pequenos. Ele casou bem de idade, mas criou e educou 12 filhos. Foi um grande homem.

Quando mamãe foi doente para Pouso Alto, seus irmãos estavam todos com saúde, mas a morte do tio Joaquim Lucio abriu o caminho para os outros. Logo depois foi o tio Luiz, depois tio Teófilo, em seguida tio Gabriel e tio Sebastião. Tia Ritinha era bem mais nova do que a mamãe e foi a primeira a partir dos 10 irmãos.

Papai veio aqui e contou-me a morte dos meus tios e falou-me:

- *Sua mãe é uma santa, só vendo a sua resignação com que ela aceitou a morte de seus irmãos. Os outros irmãos ela ficou sabendo só muito tempo depois, mas o Joaquim Lucio ela fez questão de ir a casa dele um pouco antes do sepultamento.*

Papai contou-me que ele não queria que mamãe fosse, mas ela insistiu dizendo:

- *Eu quero ir ver meu irmão mais velho. Ele vinha visitar-me todos os dias, desde o dia em que aqui cheguei. Eu quero despedir-me dele. Não vou dizer nunca mais, mas sim até logo meu irmão, descanse em paz, um dia nos encontraremos na glória de Deus Pai todo poderoso. A dor da partida é muito triste meu velho, ainda mais para os que ficam. A morte é certa e a hora é incerta, mas chegará o nosso dia.*

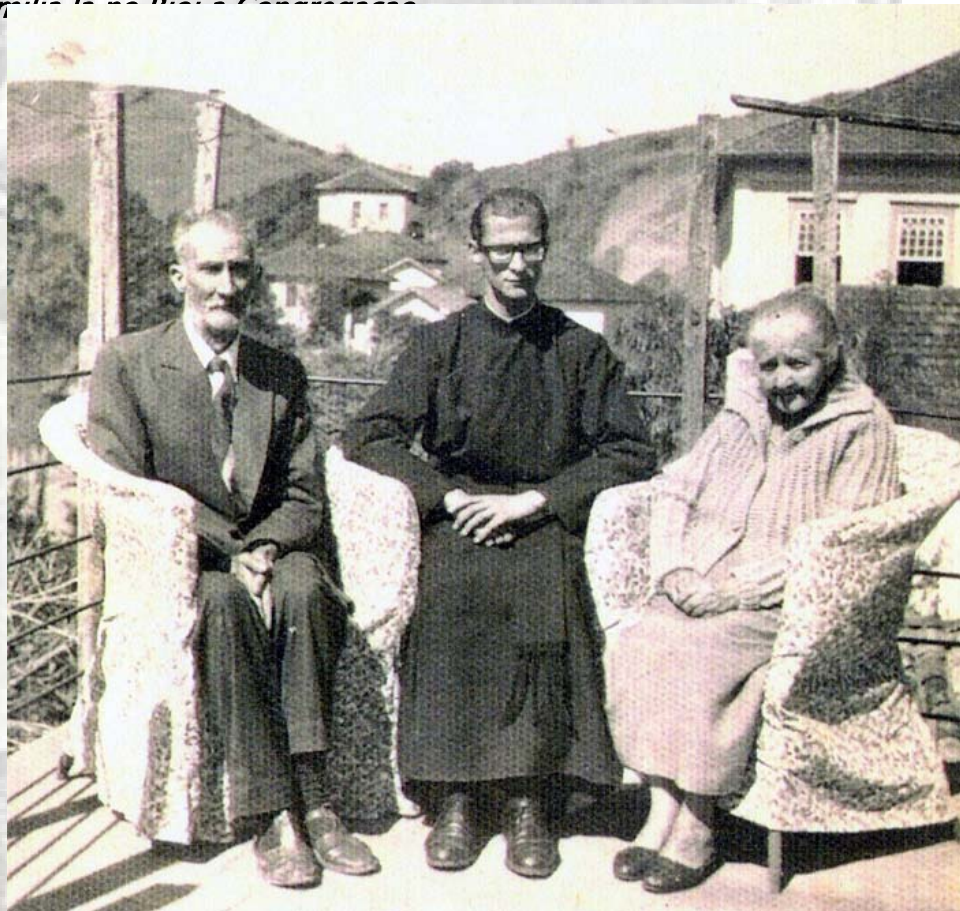
Papai continuou contando:

- *Eu não queria que a Maria fosse ver o Joaquim, pelo estado de saúde dela, mas ela foi e voltou muito baqueada. E não é para menos minha filha, a Maria sempre considerou o seu irmão mais velho como se fosse seu pai.*

Tio Teófilo morreu em São Lourenço e foi sepultado em Pouso Alto. Papai foi daqui para Pouso Alto e a mamãe já sabia. Ela disse-lhe:

- *Pois é meu velho. Ontem eu ouvi o toque do sino e aqui da janela do meu quarto eu acompanhei o funeral do meu irmão Teófilo. Eu estou aqui, meu velho, esperando o dia e a hora que Deus me determinar.*

- *O que é feito do Niquinho, seu irmão? Há tanto tempo que ele não aparece, ele sempre me visitou.*
- *Ele não está nada bom Sá Maria. Foi operado mas não adiantou.*
- *Eu sei que a doença dele é grave, meu velho. Ele mesmo me contou que está canceroso. É muito triste a separação, meu velho, mas ninguém fica pra semente.*
- *Nós já cumprimos nossa missão, Sá Maria. A dor conta os segundos. A felicidade esquece as horas. Somos felizes Sá Maria, não nos falta nada. As nossas filhas são boas. Os netos estão bem encaminhados. Os dois da Alaide estão no seminário de Guará, mesmo que não sejam padres, estão estudando e serão gente de bem. Os da Bebé também, graças a Deus, vão indo muito bem. Tião está terminando o ginásio, vai continuar os estudos no Rio de Janeiro.*
- *Ah, meu velho, o Rio de Janeiro é um lugar muito perigoso. Eu penso muito no Padre Zé lá.*
- *Que nada, Sá Maria, não precisa se preocupar com o Zé. Ele tem outra família lá no Rio de Janeiro.*



Padre José de Arimatéia e pais.